



## *Lutar pelos valores de Abril*

A luta pelos valores de Abril é tanto mais necessária quanto vivemos momentos difíceis, perigosos e de desfecho incerto, quer a nível nacional quer a nível internacional. Podemos ver como crescem por todo o mundo a influência e a força de organizações fascistas e fascizantes e o renascer do militarismo que, como a história nos ensina, andam de mãos dadas.

Sem que suscite a mais pequena observação e preocupação em instituições supranacionais como a União Europeia, vemos sentarem-se à mesma mesa fascistas e neofascistas assumidos, com forças que se reivindicam de democratas e de esquerda, a decidirem os destinos dos povos, os nossos destinos, os destinos da paz e da guerra.

No passado dia 5 de novembro de 2024, a ONU aprovou uma Resolução no sentido de ser necessário «combater a glorificação do nazismo e do neonazismo». Resolução que foi aprovada com 116 votos a favor e 54 contra. Os países da União Europeia e da NATO votaram contra.

A Revolução de Abril, tem um significado muito importante que importa destacar: que a conquista da liberdade e da democracia alcançadas em 25 de Abril de 1974, com o derube da ditadura fascista, ser indissociável da longa e heroica luta da resistência ao fascismo. A natureza libertadora e emancipadora que a Revolução de Abril assumiu no seu processo de desenvolvimento, é igualmente inseparável das suas reivindicações, da intervenção de milhares de resistentes no processo revolucionário, papel que está a ser, cada vez mais, silenciado.

A Revolução de Abril foi uma revolução libertadora e emancipadora porque, a par de



ter posto fim à opressão, à supressão das liberdades, ao fim da censura, ao fim do odioso sistema colonial e da guerra colonial, abriu a possibilidade de um projeto de emancipação social.

Pela natureza e dimensão das transformações que operou no país no plano político, económico, social e cultural, no nosso modo de viver, pelo estímulo que deu à luta pela liberdade em outros países, por ter iniciado uma política de paz e amizade com todos os povos, pelo facto de que, pela primeira vez, as massas populares terem começado a decidir dos seus próprios destinos, a Revolução de Abril constituiu um dos grandes feitos da nossa história.

As comemorações dos 50 anos do 25 de Abril o que mostraram, em milhares e milhares de pequenas e grandiosas iniciativas, foi a profunda adesão das massas populares e de várias forças democráticas aos valores de

Abril, em defesa da democracia, da liberdade e da paz, e o repúdio pelo fascismo, sempre expresso de forma vibrante na palavra de ordem «25 de Abril Sempre! Fascismo Nunca Mais!».

Se é certa a tese de que um povo que perde a sua memória não tem futuro, o resgate da memória do que foram os 48 anos de fascismo – com tudo o que significa de miséria, fome, repressão, prisões, torturas e assassinatos – e a defesa do papel da resistência para a conquista da liberdade e da democracia são uma tarefa inadiável que a todos obriga realizar.

Hoje, num tempo em que alguns tentam reescrever a história, fazendo o branqueamento do fascismo e da luta da resistência, é importante lembrar o que foi o fascismo e a luta travada pela liberdade, pela democracia, contra a guerra colonial, pela paz, por melhores condições de vida, por uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais solidária e mais fraterna, para que, em particular, as novas gerações lutem pelos valores de Abril, e possam gritar bem alto, 25 de Abril sempre! Fascismo nunca mais!

### ***Não ao Museu Salazar***

*As ameaças actuais à liberdade e à democracia e a necessária luta em sua defesa. A URAP repudia a insistência no projecto de construir em Santa Comba Dão um local de romagem a Salazar. - Pág. 2*

*Nos 80 anos da vitória sobre o nazi-fascismo: desmontar mitos - Págs. 10 e 11*

*As «três marias» e a luta das mulheres pela igualdade e a liberdade - Págs. 14 e 15*

*João Neves*

# NÃO AO MUSEU SALAZAR, *potencial pólo de romagem de saudosistas do fascismo*

A direcção da URAP emitiu um comunicado, dia 5 de Março, em que condena veementemente a criação de um Centro Interpretativo do Estado Novo na Escola Cantina Salazar, em Santa Comba Dão, terra natal do ditador. Trata-se de um projecto antigo, que a URAP insistentemente combateu e que «esperava estar definitivamente enterrado», como salienta nesse comunicado. A reacção da URAP surge poucos dias após a celebração de um protocolo entre a Câmara Municipal e a Associação Cultural Ephemera com vista à sua concretização.

Recorde-se que, em 2019, uma grande mobilização de democratas se levantou contra a criação de um Museu Salazar ou Centro de Investigação do Estado Novo, discussão que chegou à Assembleia da

República, que condenou a sua criação. O Parlamento apelou então aos promotores da criação do museu para que reconsiderassem a sua posição e a todas as «entidades, públicas e privadas, para que não apoiem, directa ou indirectamente, essa iniciativa». Muito antes disso, já a URAP garantia que a criação desse museu, qualquer que fosse o seu nome, «contribuiria para branquear um regime criminoso e a figura sinistra do ditador nascido no Vimieiro».

Salienta ainda que a Câmara Municipal de Santa Comba Dão «não pode ser isenta neste teimoso processo, ao pretender servir-se da figura sinistra do ditador fascista como forma de promoção do concelho». O dinheiro dos impostos dos cidadãos, acrescenta, «não pode servir para tais

fins, mas sim para a promoção de valores humanistas, libertadores e de progresso de que foi e continuará a ser exemplo a Revolução de Abril». Apela também a que todos quantos abraçam valores e conquistas alcançados com a Revolução dos Cravos combatam esta iniciativa.

«Numa altura em que no país, na Europa e no Mundo ressurgem ideias e projectos reaccionários e fascistas, se prolongam conflitos e cada vez mais, em vez de paz, se fala e recorre ao militarismo», importa que «não se dê lugar a espaços que repetidamente saudosistas reclamam», lê-se ainda no comunicado da URAP, que pode ser lido na íntegra em [www.urap.pt](http://www.urap.pt).

## Nos 91 anos da insurreição do 18 de Janeiro na *Marinha Grande*

As comemorações do 91º Aniversário da Revolta do 18 de Janeiro de 1934 na Marinha Grande, promovidas pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira e pela CGTP-IN, contaram, dia 18 de Janeiro, com a participação da URAP, representada pelo coordenador, José Pedro Soares, membros do Conselho Directivo e do Conselho Nacional e associados.



Carlos Mateus, do Conselho Directivo da URAP, fez uma intervenção na qual sublinhou o acto heróico dos que então tiveram a coragem de se revoltar contra a ditadura fascista, deixando claro que os trabalhadores de então não se renderam, tal como os trabalhadores de hoje não se rendem face à degradação das condições de vida e de trabalho.

O secretário-geral da CGTP-IN, Tiago Oliveira, e o coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira, David Vergueira, homenagearam os vidreiros e a população da Marinha Grande que, no âmbito da então designada Greve Geral Revolucionária de 18 de Janeiro de 1934, convocada pelos trabalhadores em todo país contra a fascização dos sindicatos e a ditadura fascista de Salazar, saíram à rua de armas na mão e tomaram temporariamente o poder naquela vila.

# URAP

## URAP

Propriedade e edição da  
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS  
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**  
REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**  
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •  
TELEFONE 213 576 083  
DEPOSITO LEGAL: 357338/18

# Nas escolas a afirmar Abril

Uma das principais actividades da URAP consiste em fazer sessões nas escolas do país visando dar a conhecer aos jovens estudantes o Portugal de antes e depois de Abril. Muitas escolas já inscreveram no seu plano de actividades 2024/2025 várias iniciativas para festejar o 25 de Abril de 1974: são os casos, nomeadamente, de Mafra e Peniche, em que todas as escolas e graus de ensino estão envolvidos; em Almada, nas EB1 da área da União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade Pragal e Cacilhas; de S. Miguel, nos Açores; e, no Litoral Alentejano, de Grândola e Sines.

Através de sessões e debates, estarão presentes nas escolas ex-presos políticos, mulheres e homens, resistentes da luta antifascista para conversar com alunos e professores sobre a vida e a luta dos portugueses pelos seus direitos, pela democracia e pela liberdade. São um complemento obrigatório para preencher lacunas de alguns manuais escolares. A URAP disponibiliza igualmente exposições sobre diversos temas.

Na Escola Secundária José Saramago, em **Mafra**, uma exposição evocativa dos cerca de 200 ex-presos e perseguidos políticos do concelho esteve patente entre 20 e 31 de Janeiro de 2025. A exposição expressa, de forma gráfica, o conteúdo do livro «Lutaram Pela Liberdade, Uma História de Resistência à Ditadura fascista no Concelho de Mafra (1926-1974)», cuja 2.ª edição, da responsabilidade da URAP, foi lançada na mesma escola a 4 de Dezembro de 2024. Ainda em Mafra, no dia 25 de Fevereiro, realizou-se uma sessão sobre o mesmo livro com alunos do 9.º ano da EB 2-3 Venda do Pinheiro, com a participação do historiador Luís Farinha, um dos autores. Realizada nas instalações da Santa Casa da Misericórdia da Venda do Pinheiro, a sessão foi dirigida pelo professor Pedro Moura, responsável pela biblioteca da escola.

A Escola Secundária de Monserrate, em **Viana do Castelo**, convidou a URAP para encerrar, dia 6 de Dezembro 2024, as celebrações do cinquentenário do 25 de Abril, com a palestra «A História, a Memória e a Revolução de Abril». Os con-



Viana do Castelo

vidados, José Pedro Soares, coordenador da URAP, e Teresa Lopes, do Conselho Directivo, falaram da vida durante o fascismo, das prisões políticas e da conquista da liberdade. A sessão foi aberta por Maria das Dores Silva, directora da escola, e foi declamado o poema «Rosas Vermelhas», de Manuel Alegre, por um grupo de alunas.

A palestra marcou o culminar de um vasto programa de actividades desenvolvidas pelo grupo disciplinar de História ao longo do ano de 2024, que incluiu palestras, exposições, debates, dramatizações, performances, pintura de murais, aulas abertas, e outras iniciativas.

## Homenagem aos resistentes antifascistas de Santo Tirso



A URAP organizou, dia 15 de Fevereiro, uma sessão no Centro de Arte Alberto Carneiro, em Santo Tirso, de homenagem aos Resistentes Antifascistas daquele concelho, a que acorreram mais de seis dezenas de pessoas.

A sessão foi dirigida por João Ferreira, que lembrou que a alvorada do 25 de Abril não se fez sozinha, antes foi fruto da luta de gerações de comunistas, antifascistas e democratas que ousaram enfrentar o medo e a repressão. Usou da palavra Silvestre Lacerda, director do Arquivo Nacional Torre do Tombo (recentemente aposentado), socorrendo-se de imagens do Registo Geral de Presos/ Fichas ou Ordens de Serviço de vários presos naturais ou residentes de Santo Tirso. Manuel Glória, do Conselho Nacional da URAP, salientou a importância da Memória para enfrentar os perigos do presente.

Abel Silva, Maria Augusta Carvalho, José Manuel Lopes, Joaquim Monteiro, Mário Fonseca e Abílio Martins deram também emotivo testemunho das suas vivências, como de familiares e amigos - as difíceis condições de vida, o medo, a perseguição e a prisão dos que abraçaram a luta contra o regime fascista.

## Conceição Matos homenageada em São Pedro do Sul



António Vilarigues, do Conselho Directivo da URAP, participou, dia 1 de Março, na homenagem à resistente antifascista e ex-presa política Conceição Matos, do Conselho Nacional da URAP, na sua terra natal e no âmbito das comemorações dos 50 anos da Revolução de Abril.

Na homenagem, organizada pela direcção da Organização Regional de Viseu do PCP, denominada «Para toda a gente voltar a sorrir», que decorreu no auditório do Centro Cultural de São Pedro do Sul, numa «sala cheia de camaradas, amigos, democratas e patriotas (...) e de Octávio Augusto, membro da Comissão Política do PCP», António Vilarigues saudou «a mulher nossa companheira desde os anos da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. A mulher que viveu e lutou longos anos na clandestinidade, sofrendo privações de toda a espécie e defrontando o perigo hora a hora e a tortura».

# URAP apresenta livros e debate resistência

O auditório do Palácio Anjos, em Algés, **Oeiras**, foi palco da apresentação do livro «A Cadeia de Caxias, a repressão fascista e a luta pela liberdade», dia 25 de Janeiro, numa sessão presidida por Ágata Branco, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local e Regional (STAL), técnica superior da Câmara Municipal de Oeiras. Com a participação de 200 pessoas, a sessão contou com as intervenções do coordenador da URAP, José Pedro Soares, também ex-presos político, do extenente fuzileiro especial David Galdes e do dirigente da Câmara Municipal de Oeiras, Gaspar Matos. O Coro Lopes-Graça entoou as Canções Heróicas da autoria de Fernando Lopes Graça e José Gomes Ferreira.

O mesmo livro foi apresentado pelo núcleo de Setúbal-Palmela da URAP, numa sessão realizada no dia 11 de Janeiro no Auditório Municipal Rui Guerreiro, Pinhal Novo, concelho de **Palmela**, com Pedro Soares e Adilo Costa, do Conselho Nacional e do núcleo de Palmela, Carlos Mateus, do Conselho Directivo. Os cerca de 40 participantes assistiram ainda à declamação de poemas.

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, apresentou esse mesmo livro, dia 15 de Fevereiro, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, numa iniciativa conjunta da URAP com a



Câmara Municipal de Setúbal. Estiveram presentes o presidente da Câmara Municipal de Setúbal, André Martins, e Pedro Soares, do núcleo de Setúbal. A sessão terminou com um momento musical interpretado pelo coro «TuttiEncantus» e a declamação de poesia.

O livro «Lutaram pela Liberdade – uma história da resistência à ditadura fascista no concelho de Mafra», uma reedição do Núcleo de Mafra da URAP e de outros democratas e antifascistas do concelho, foi apresentado, dia 14 de Janeiro, no Museu do Aljube Resistência e Liberdade, pelo historiador Luís Farinha.

Depois do sucesso da primeira edição, a URAP reedita agora este



texto que acompanhou a inauguração do Memorial aos Presos e Perseguidos Políticos do Concelho de Mafra no ano em que se comemora o cinquentenário da Revolução do 25 de Abril. Nele, encontra-se a lista dos presos políticos no concelho, cujos nomes foram inscritos no memorial, histórias da luta e da resistência, assim como testemunhos contados na primeira pessoa, além de um anexo documental que enriquece a obra.

Esta edição do livro conta com o apoio da Câmara Municipal, da Torre do Tombo, do Museu do Aljube Resistência e Liberdade, do Museu Nacional Resistência e Liberdade (Peniche) e do [memoriacomum.org](http://memoriacomum.org).

## Constituída em Assembleia Geral a Associação Amigos do Museu Nacional Resistência e Liberdade

A Associação Amigos do Museu Nacional Resistência e Liberdade – Fortaleza de Peniche foi formalmente constituída, dia 1 de Fevereiro, numa Assembleia Geral Constituinte que reuniu, no Auditório Municipal de Peniche, 110 sócios fundadores.

Na sessão, apoiada pela Câmara Municipal de Peniche e pela direcção do Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL), foram aprovados os estatutos e eleitos os órgãos sociais, tendo sido escolhido Álvaro Pato para presidente da direcção. A Mesa da Assembleia Geral e o Conselho Fiscal serão presididos, respectivamente, por Luís Filipe Matos Raposo e José Pedro Soares.

Álvaro Pato usou da palavra para anunciar as áreas de actuação da nova as-

sociação, que visa levar a cabo actividades que preservem a memória da resistência à ditadura fascista e prestar apoio ao Museu Nacional Resistência e Liberdade. «Propomo-nos colaborar na realização de actividades que tornem a associação e o museu mais conhecidos, ajudar o museu na recolha de documentação e outro material de divulgação da memória da resistência à ditadura com valor museológico e referenciação da história da luta antifascista, e estimular, ao nível do ensino, os valores da democracia e da liberdade, através do conhecimento da nossa história contemporânea, com referência ao período da ditadura e ao seu derrube em 25 de Abril de 1974», disse o presidente da direcção.

Aida Rechená, directora do MNRL, usou da palavra para sublinhar o papel



fundamental da nova associação no reforço das iniciativas de preservação da memória e dinamização cultural da Fortaleza de Peniche.

No encerramento, foi lançado um apelo à participação activa de todos os associados, para que a AAMNRL desenvolva um trabalho profícuo e para que cumpra o objectivo de apoiar o MNRL de Peniche.

## URAP promoveu romagem anual ao Mausoléu dos Tarrafalistas

Joaquim Judas, do Conselho Nacional da URAP, lembrou no dia 15 de Fevereiro junto ao Mausoléu dos Tarrafalistas no Cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, o apelo que o revolucionário Francisco Miguel, último preso político português a sair do Tarrafal, lançou na intervenção que proferiu, em 1978, durante a inauguração do Memorial: «Antifascista, democrata, homem progressista: quando pensares nos direitos da pessoa humana não esqueças o Tarrafal. Se queres defender a Liberdade e construir e consolidar a verdadeira democracia, faz alguma coisa para que o fascismo não possa voltar mais à terra portuguesa. O Tarrafal simboliza 48 anos de política criminosa. Nós, povo português, não podemos permitir que este crime se repita.»

O orador, que falava perante dezenas de pessoas de vários núcleos da URAP que se deslocaram na romagem anual que a organização promove ao Mausoléu para homenagear os 32 tarrafalistas ali sepultados, apelou para que neste momento nos inspiremos nos presos no Tarrafal quando o mundo atravessa «uma ofensiva do grande capital e das forças políticas belicistas e fascistas», sublinhando que «é difícil a luta dos trabalhadores e dos povos para o enfrentar».

Depois de referir que «este ano ainda se comemoram 50 anos da Revolução de Abril», recordou que «de 1936 a 1954 passaram pelo Tarrafal, enviados de Portugal, 362 homens, resistentes de filiação comunista, anarquista e outros antifascistas. Entre 1936 e 1954 lá foram assassinados pelas brutais condições a que estavam submetidos os 32 companheiros para aqui trasladados em 18 de Fevereiro de 1978».

A cerimónia, apresentada por Ana Páscoa, do Conselho Nacional, contou com um momento musical da autoria do Cancioneiro Clandestino, um grupo musical nascido em 2021 no Museu do Neo-Realismo, que interpreta canções escritas por neo-realistas.



## Roteiro da Revolta Popular de Peniche

Os participantes da conferência «A Revolta das Espoletas: um Movimento de Contestação em Peniche», organizada pela URAP e pela Câmara Municipal de Peniche, dia 16 de Novembro, integrada nas Comemorações do 25 de Abril, que decorreu no Auditório do Edifício Cultural da Câmara Municipal de Peniche, realizaram após a sessão o Roteiro da Revolta Popular de Peniche, percorrendo os diferentes locais da contenda.

No dia 13 de Novembro de 1935, o povo de Peniche, com destaque para os pescadores, as conserveiras e suas famílias, revoltou-se contra a proibição da pesca durante um ano e contra a prisão de 62 mestres dos barcos, tendo ocupado a vila, cortado as comunicações telefónicas e telegráficas e levantado uma barricada à saída de Peniche.

Quando as camionetas se encontravam prontas para transportar os mestres para a cadeia das Caldas da Rainha, a população invadiu os carros, os sinos das igrejas começaram a tocar a rebate, chamando a população à rua. Os comerciantes fecharam as lojas e as escolas encerraram.

A GNR foi reforçada e reprimiu ferozmente estas acções, começando a disparar, matando a tiro o pescador Francisco Sousa e ferindo outros. A vila foi invadida por forças militares e outras forças da repressão (PVDE-Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, antecessora da PIDE), decretado o «estado de sítio» e o «recolher obrigatório». A PVDE efectuou 45 prisões, enviando os presos para a prisão do Limoeiro, em Lisboa.

Nos dias posteriores, o regime foi obrigado, pela luta incessante da população, a libertar os mestres e os outros detidos e a permitir que os barcos pudessem ir ao mar.



# Os livros da URAP

## Registrar e recordar quem resistiu para que não se apague a memória

Uma das actividades da URAP consiste na elaboração de livros e brochuras destinados a divulgar a vida e luta dos antifascistas durante a ditadura. Deste modo, estas edições, que se baseiam nas prisões do fascismo, nas reuniões e congressos democráticos, na organização clandestina ou legal, têm sido um veículo de contacto com os homens e mulheres de hoje e de transmissão de memória e valores às novas gerações.

A pretexto destas, a URAP organiza sessões, almoços, convívios e, sobretudo, visitas a escolas de todo o país, onde dialoga com a juventude mostrando-lhe como se vivia em Portugal antes da Revolução dos Cravos. Para que a memória não se apague!

Nos últimos anos essa prática da URAP intensificou-se com a publicação de várias obras, às quais chamou colecção «Páginas de Memória», que destacamos.

### Forte de Peniche, Memória, Resistência e Luta

O livro «Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta», de 2018, resultou de um intenso esforço de investigação realizado pela URAP para trazer à luz a identidade e história dos presos da fortaleza de Peniche, uma das principais cadeias do fascismo, na qual durante décadas foram encarcerados muitos dos mais destacados resistentes antifascistas.

Trata de temas como o preservar da memória do Forte, a breve história da fortaleza, as difíceis condições vivenciadas pelos presos políticos, as lutas, a coragem e dignidade, as diversas fugas para retomar a luta, a libertação dos presos a 27 de Abril de 1974. Já na sua sexta edição, a obra, sucessivamente revista, traz o nome das mais de 2.600 pessoas que estiveram detidas em Peniche entre 1934 e 1974.

Também foi publicada uma 1ª Edição deste mesmo livro em castelhano, com o título «Fuerte de Peniche – Memoria, Resistencia y Lucha», com o objetivo de levar ao conhecimento dos companheiros espanhóis a luta de resistência ao fascismo português.



### Cadeia de Caxias – A repressão fascista e a luta pela liberdade

A Introdução desta obra de 2024, «O reconhecimento a quem o mereceu», é da autoria Levy Baptista, advogado antifascista e durante muitos anos presidente da Mesa da Assembleia Geral da URAP. No livro conta-se a história da prisão, reflecte-se sobre o seu significado enquanto símbolo da repressão fascista, destaca-se os diferentes períodos na Cadeia de Caxias, apresenta-se fragmentos das biografias de presos e denuncia-se as condições prisionais e a assistência médica.

Os julgamentos nos tribunais políticos, as fugas de presos que estavam na Cadeia de Caxias e as vítimas mortais são outras das situações descritas. Publica-se ainda as teses dos presos políticos de Caxias ao III Congresso da Oposição Democrática, realizado em 1973 em Aveiro, a lista de presos da Cadeia de Caxias e da prisão-hospital S. João de Deus, estatísticas diversas. O 25 de Abril em Caxias é também recordado no volume.



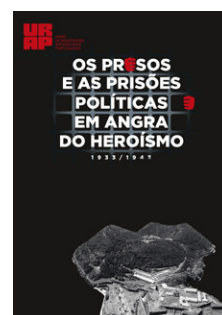
### Elas estiveram nas prisões do fascismo

«Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo», lançado em 2021, debruça-se sobre a mulher sob o fascismo, nas cadeias e na participação em três fugas, nas lutas sociais e nos combates pela democracia. Contém ainda dois anexos com o nome de 1.755 mulheres presas durante a ditadura. Os capítulos do livro são marcados com textos ou poemas feitos por mulheres, divulgam as organizações femininas existentes à época, cartas às organizações femininas e democráticas do mundo inteiro; falam das mães que caminharam para as prisões e publicam uma crónica de um tempo sombrio. O livro termina com a chegada de Abril, da liberdade, da democracia, do reconhecimento legislativo da igualdade – na prática ainda não totalmente conquistada.



### Os presos e as prisões políticas em Angra do Heroísmo

Esta obra, editada em 2022, conta a vida de 645 presos antifascistas durante 10 anos (1933/1943), na Fortaleza de São João Baptista e Castelo de São Sebastião (Castelinho), duas fortalezas militares do século XVII, situadas na Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Açores. Dentro das suas muralhas, em masmorras sórdidas, os presos castigados ocupavam a Poterna e o Calejão. A obra relata episódios de perseguição policial e opressão do regime fascista entre 1933 e 1943, dirigida contra quem se lhe opôs e, por outro lado, a resistência heróica de tantos que, sem julgamento na maior parte das vezes, se viram retirados das suas terras, encarcerados e isolados durante meses numa ilha, sem visitas, sem informações, sem outro apoio que não o da solidariedade entre si.



## **A Caminho do 25 de Abril. 50 Anos. III Congresso da Oposição Democrática. Aveiro Abril 1973**

O livro, de 2023, é constituído essencialmente por diversos fac-símiles, fotografias e 60 testemunhos de intervenientes no III Congresso da Oposição Democrática, que decorreu de 4 a 8 de Abril de 1973, no Cine -Teatro Avenida, em Aveiro, com a participação de 4.000 antifascistas. Inclui as palavras de abertura do Professor Ruy Luís Gomes, eleito pela Comissão Executiva para presidir ao Congresso, embora exilado no Brasil (a sua cadeira esteve sempre vazia durante o Congresso); e tem em anexo a carta-testamento do médico antifascista Mário Sacramento, promotor dos I e II congressos. Contém também a Declaração Final, aprovada na sessão de encerramento; a composição da Comissão Nacional e da Comissão Executiva; o enunciado das Teses nas várias secções; e a reprodução da lista, publicada em folheto e distribuída no congresso, por não ter sido possível encontrar o livro da 5. secção.

Pode ler-se ainda um texto do escritor e Prémio Nobel da Literatura José Saramago, publicado no Diário de Lisboa, em 7 de Abril de 1973; um artigo da revista Seara Nova, de Maio desse ano; fotos de vários folhetos contendo as conclusões de teses apresentadas.



## **MJT e a luta dos jovens trabalhadores - Fios de Memória**

Publicado em 2019, a obra regista acontecimentos vividos por jovens que, em determinados momentos das suas vidas, sentiram que não era possível ficar indiferente perante as injustiças e a brutalidade do fascismo, encontraram espaço de organização colectiva para dar expressão a essa vontade de lutar e contribuíram para a Revolução de Abril e para os seus avanços progressistas.



## **Lutaram pela liberdade! Breve história da luta de Alenquer contra a ditadura (1926/1974): Os presos políticos**

Livro de 2023 elaborado pelo núcleo de Alenquer da URAP destaca a actividade antifascista em Alenquer e identifica os presos políticos naturais ou residentes no concelho, a partir do levantamento levado a cabo no âmbito do Projecto Alfredo Caldeira (1908-1938).



## **Lutaram pela Liberdade! Uma História da Resistência à Ditadura Fascista no Concelho de Mafra (1926-1974)**

Da responsabilidade do núcleo local da URAP e de outros democratas e antifascistas do concelho de Mafra, o livro inclui a lista dos presos políticos no concelho, cujos nomes foram inscritos no Memorial aos Presos e Perseguidos Políticos do Concelho de Mafra, histórias da luta e da resistência, assim como testemunhos contados na primeira pessoa, além de um anexo documental que enriquece a obra.



## **Tarrafal Nunca Mais – brochura**

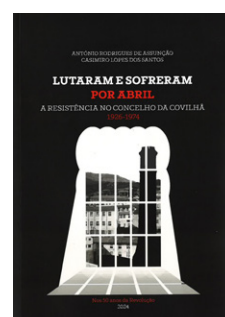
A brochura “Tarrafal Nunca Mais”, de 2013, com textos de Aurélio Santos e Leandro Martins, faz uma abordagem sobre a Colónia Penal, bem como uma reportagem sobre o Simpósio Internacional ocorrido em Abril de 2009, em Cabo Verde, com a presença de 40 antifascistas portugueses que visitaram o antigo campo de concentração.



## **Lutaram e Sofreram por Abril- A resistência no Concelho da Covilhã, 1926-1974**

Publicado em 2024, no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, numa edição da Câmara Municipal da Covilhã e da URAP, o livro, da autoria de António R. Assunção e Casimiro Lopes dos Santos, mostra como o concelho da Covilhã foi um território grandemente castigado pela repressão da ditadura fascista, com os operários dos lanifícios, os mineiros, os camponeses, a lutar e a sofrer.

Relata-nos as lutas dos operários da Penteadora de Unhais, em 1969; dos Mineiros da Panasqueira, nos anos 30; das lutas na cidade da Covilhã e na vila do Tortosendo; das lutas dos camponeses contra as condições de trabalho medievais. Como consequência dessas muitas lutas em que se envolveram, 510 homens e mulheres foram perseguidos e presos pelo regime fascista. É desses homens e mulheres que nos fala este livro.



# Manifestação pela paz encheu a Baixa de Lisboa

A Baixa de Lisboa encheu-se, no dia 18 de Janeiro, de milhares de vozes a clamar pela Paz. A URAP, subscritora do Apelo lançado por várias organizações, marcou presença na Manifestação Nacional, exigindo o fim da guerra e um caminho de paz, dando expressão aos valores de Abril. A Paz é necessária e urgente, nomeadamente, em Gaza, na Ucrânia, no Líbano, na Síria, no Sara Ocidental, no Sudão.

Os manifestantes disseram não à guerra, fim à escalada armamentista, pelo recurso à diplomacia e à solução política dos conflitos, rejeitando a ameaça ou o uso da força nas relações internacionais,

e defesa do respeito destes e de outros princípios da Carta das Nações Unidas e da Acta Final da Conferência de Helsínquia.

Exigiram ainda que o Governo português «não contribua para o agravamento dos conflitos e o militarismo, e cumpra os princípios da Constituição da República Portuguesa, como o direito à autodeterminação dos povos, a não ingerência nos assuntos internos de outros Estados, a dissolução dos blocos político-militares».



Os muitos jovens presentes recusaram-se a ser «carne para canhão» em guerras futuras e rejeitou-se o desinvestimento em serviços públicos para favorecer o negócio do armamento.

## Campanha de Solidariedade com Cuba

A URAP e outras organizações juntaram-se à Associação de Amizade Portugal-Cuba no lançamento na Fundação José Saramago, em Lisboa, dia 13 de Fevereiro, uma campanha nacional de solidariedade com Cuba, sob o lema «Por Cuba! Fim ao bloqueio!», que decorrerá até ao início de 2026.

A escolha do local visou lembrar a acção do escritor que foi presidente da Assembleia Geral da Associação de Amizade Portugal – Cuba, e que, por inúmeras vezes, denunciou o bloqueio que os EUA impõem a Cuba.

Cuba está sujeita a um bloqueio económico, comercial e financeiro imposto pelos EUA há 63 anos. Um bloqueio que constitui uma flagrante violação do direito

internacional e visa obstaculizar o desenvolvimento económico e social de Cuba, afectando o dia a dia do povo cubano nas suas necessidades básicas.

Cuba, sempre solidária com o mundo, merece a solidariedade internacional. Esta campanha tem como propósito apelar à fraternidade de todos, de múltiplas formas, e desenvolver iniciativas por todo o país, reafirmando a exigência do fim do bloqueio e expressando, de forma inequívoca, a solidariedade do povo português para com Cuba.

A URAP apela aos sócios e amigos para que, além de contribuições financeiras, possam recolher material escolar, brinquedos, medicamentos e material hospitalar, bem como equipamentos geriátricos, para serem enviados para Cuba.



As contribuições financeiras poderão ser feitas para a AAPC: NIB PT50 0033 0000 0058 0164 1169 7. Para as contribuições materiais deverão ser contactados os respectivos núcleos da URAP, a sede na Rua da Beneficência, em Lisboa, ou ainda: c.solidariedade.cuba@gmail.com e 962 022 208 / 7.

## FIR denuncia reunião da extrema-direita em Madrid e apela para ofensiva das forças democráticas

Dirigentes de 12 partidos europeus da extrema-direita, entre os quais o Chega, reuniram-se dia 8 de Fevereiro em Madrid, na chamada «primeira cimeira» dos Patriotas pela Europa (PFE), o terceiro maior grupo do Parlamento Europeu, com a participação de 2000 delegados. O PFE é um grupo político que foi oficialmente criado em Julho, após as últimas eleições europeias, por iniciativa do presidente da Hungria, Viktor Orbán, depois de o seu partido, o Fidesz, ter saído do Partido Popular Europeu (PPE).

O PFE inclui um total de 14 partidos de 12 Estados-Membros da UE, sendo no Parlamento Europeu o terceiro maior grupo, com 86 deputados. Alguns dos partidos que o integram assumem responsabilidades governativas. O presidente do Vox,

Santiago Abascal, apelou à intensificação dos contactos com outros partidos de extrema-direita a nível da UE. A conferência também debateu questões estratégicas, com os participantes a aceitarem as regras da União Europeia e da NATO.

A este propósito, a Federação Internacional de Resistentes (FIR), da qual a URAP é associada, afirma ser «imperativo que os democratas e antifascistas na Europa elaborem uma ofensiva contra estas redes de extrema-direita, unindo forças com organizações da sociedade civil numa aliança para uma Europa antifascista. Os membros do Parlamento Europeu, mas também as associações membros da FIR, têm uma responsabilidade conjunta neste domínio».

# Falam os núcleos

Nesta rubrica do nosso Boletim, damos voz aos núcleos, a quem se deve muita da intensa actividade realizada um pouco por todo o País, visando partilhar experiências para reforçar a capacidade de acção da URAP



## Moita

Em 1 de Dezembro de 2019 foi feita a apresentação pública do núcleo da URAP-Moita, no Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, num jantar com mais de cem participantes, formado anteriormente num encontro com associados e resistentes antifascistas, que viram a necessidade e a importância de dinamizar o esclarecimento e a memória da resistência à ditadura fascista.

A sede do núcleo funciona numa sala cedida pelo Ginásio Atlético Clube, em resultado da parceria da URAP em actividades com o movimento associativo. Inicialmente com cinco elementos, teve como tarefa prioritária a elaboração de um ficheiro de associados, procurando em simultâneo ampliar actividades junto da população, do movimento associativo, da comunidade escolar, bem como das autarquias.

O núcleo da Moita procura manter viva a memória da resistência antifascista e é parceiro integrante das forças vivas do concelho na denúncia do fascismo e dos perigos que este representa, tomando por exemplo os 48 anos de fascismo, levando às escolas, associações e outras instituições testemunhos narrados na primeira pessoa.

Entre as iniciativas que tem levado a cabo destaca-se o Ciclo de Cinema anual, com três projecções diferentes, em vários locais do concelho. Em 2025, o V Ciclo terá como tema o fim da II Guerra Mundial, com um apelo expressivo à Paz.

No aspecto organizativo, o núcleo tem aumentado progressivamente, proporcionando mais actividades e iniciativas, estando numa relação directa com o aumento de associados e amigos que conosco colaboram.

Destacamos os pontos fortes do trabalho do núcleo: o reconhecimento

pelas autarquias como uma associação cuja essência assenta na preservação da memória da resistência antifascista; o estreito relacionamento entre o núcleo e as escolas do concelho; a divulgação e apresentação das edições de livros da URAP; e, como muito importante, a aceitação do trabalho junto do movimento associativo e autarquias, sendo frequentes os convites para parcerias culturais, sociais e políticas.

Como pontos fracos, assinalamos: o apoio logístico e técnico; a dificuldade em sensibilizar e mobilizar certos extractos etários da população; e alguma resistência das autarquias no apoio às iniciativas do núcleo.

O núcleo da URAP-Moita tem como grande objectivo a construção de um memorial aos mais de 170 presos políticos do concelho da Moita.

## Braga

O núcleo de Braga da URAP existe há bastante tempo, no entanto foi dinamizado em Outubro de 2023 com 15 inscritos. Daí para a frente o número de associados tem vindo a aumentar, e neste momento há 22 sócios que reúnem semanalmente.

O núcleo tem uma sala cedida pela União de Sindicatos de Braga (USB), mas quando reúne em plenário usa o salão de reuniões da USB. As reuniões têm como objectivo a discussão, procura e preparação de iniciativas a levar a cabo. Os sócios são colaborativos e envolvem-se com agrado nas iniciativas que realizamos.

Contamos igualmente com o apoio da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, onde já realizámos alguns eventos,

como: apresentação e venda de livros e exposição dos painéis da URAP. Está prevista ainda fazer, num futuro próximo, sessões de cinema.

O núcleo de Braga tem relações com a Associação Democratas de Braga e manteve contacto com a Câmara Municipal para agendar uma reunião com a participação do coordenador da URAP, José Pedro Soares.

Até agora há contactos frequentes com as Juntas de Freguesia para cedência de espaço para as exposições da URAP. Um dos membros do núcleo é o presidente da Associação Bugalha, uma IPSS com valências de creche, pré-escolar, centro de ATL, jardim de infância e apoio domiciliário. Outro membro do núcleo é presidente de uma associação desportiva.

Uma das actividades principais do núcleo consiste em fazer sessões nas escolas. A receptividade das escolas tem sido comovente e calorosa, com a envolvimento de professores e alunos, com declamação de poesia, canções alusivas ao período do 25 de Abril, ofertas de lembranças ao núcleo da URAP e sempre muito agradecidos pela nossa disponibilidade.

O núcleo participou, com tarja da URAP, na manifestação do 25 de Abril em Braga, bem como em duas manifestações quando das visitas ao Forte de Peniche.

Para o ano de 2025, o núcleo de Braga prevê realizar uma ou mais sessões de cinema, apresentações de livros, debates, jantares de convívio e propaganda, sessões musicais de luta e combate à onda fascista que nos pretende cercar.



# Desmontando teses em voga sobre nazi-fascismo e Segunda Guerra Mundial

No ano em que se assinala o 80.º aniversário da vitória sobre o nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial, importa combater a violenta ofensiva ideológica que também a propósito deste acontecimento se trava, numa batalha que é sobretudo acerca do presente e dos caminhos do futuro.



Monumento em Moscovo evocativo da vitória



Celebrações em Lisboa, Maio de 1945

## 1. Loucura ou algo mais?

É vulgarmente aceite que Adolf Hitler e seus seguidores eram loucos e que a isto se devia toda a brutalidade do nazi-fascismo. Com esta tese pretende-se apagar o facto essencial da natureza do nazi-fascismo e da sua ligação a importantes sectores da indústria e da finança alemãs – e não só.

No complexo de campos de concentração de Auschwitz-Birkenau, por exemplo, tudo era financiado pelo Deutsche Bank. A IG Farben-Bayer, fornecedora do gás mortal Zyklon B, a IBM, a Metall Union, a Krupp, a Allianz, a Opel, a BMW ou a Volkswagen, entre outras, beneficiaram da mão-de-obra escrava cedida pelos campos de concentração: em 1943 haveria 12 milhões de trabalhadores escravizados na Alemanha.

O triunfo do nazi-fascismo (como de todas as expressões de fascismo, cada uma à sua maneira) resultou do apoio dos monopólios ao seu programa ferozmente militarista, expansionista, anticomunista e antidemocrático, que lhes servia. Muito embora esta cumplicidade não tenha sido punida no tribunal de Nuremberga, muito graças à oposição norte-americana, foi o

próprio procurador indicado pelos EUA a realçar que «sem a acção conjunta dos industriais alemães e do partido nazi, Hitler nunca teria tomado o poder na Alemanha, nem o teria consolidado».

## 2. As democracias ocidentais tentaram travar o nazi-fascismo

Por mais que se procure fazer das potências ocidentais «aliadas» os grandes baluartes da «democracia» contra o totalitarismo nazi-fascista, o qual tantas vezes procuram comparar à União Soviética, a história – a verdadeira e rigorosa – não autoriza esta tese.

As elites dirigentes do Reino Unido e de França procuraram empurrar para Leste a ferocidade do nazi-fascismo, para que este esmagasse a União Soviética: isso foi visível na tolerância – no mínimo – com que permitiram o rearmamento e expansionismo alemães, na entrega da República espanhola ao fascismo, na recusa das inúmeras propostas soviéticas para deter o avanço alemão, no Acordo de

Munique, que ditou o desmembramento e ocupação da Checoslováquia. Todos estes acontecimentos ocorreram antes do Pacto Germano-Soviético, assinado já em 1939 e vulgarmente apresentado como evidência de um suposto concluído entre nazi-fascistas e comunistas, mas que na verdade permitiu aos soviéticos ganhar tempo para enfrentar a mais que certa agressão.

Nem a declaração de guerra à Alemanha, em Setembro de 1939, alterou profundamente esta realidade. Apesar da enorme superioridade militar anglo-francesa no continente europeu, não ocorreu qualquer acção militar contra a Alemanha até Maio de 1940, quando as forças nazi-fascistas iniciaram a invasão da Bélgica, Holanda, Luxemburgo e França. Em Nuremberga, Jodl – chefe do Estado maior das forças armadas alemãs (Wehrmacht) – afirmou mesmo que «se nós não fomos derrotados na Polónia em 1939 isso deveu-se apenas a que no Ocidente, no período da campanha polaca, 110 divisões francesas e inglesas se “opuseram” em completa inacção a 25 divisões alemãs». Esta fase ficou conhecida por «estranha guerra».

Determinados em não combater novamente em duas frentes, como foram forçados a fazer na Primeira Guerra Mundial, os alemães decidem atacar primeiro a Ocidente, ocupando com facilidade a França



Filas de racionamento durante a guerra, Portugal



Entrada do campo de concentração de Auschwitz



Soldado soviético hasteia a bandeira da URSS no edifício do Reichstag, em Berlim, Maio de 1945

e bombardeando violentamente a Inglaterra, perante a passividade norte-americana. Só então se viram definitivamente para o seu alvo principal, a União Soviética.

### 3. Os libertadores

A versão hollywoodesca sobre o desfecho da Segunda Guerra Mundial confere ao chamado Dia D um papel decisivo, que a história não confirma. Por mais importante que tenha sido, e foi, a abertura da segunda frente na Europa, em Junho de 1944 (com grande atraso face às promessas anglo-americanas), nessa altura já as forças nazi-fascistas se encontravam em retirada, somando derrotas face ao Exército Vermelho, da União Soviética e às forças de resistência popular nos países ocupados.

Para além disso, no momento do desembarque anglo-americano na Normandia, 92% das forças nazi-fascistas combatiam na frente Leste; depois dessa data, por lá continuaram 74% delas. Ou seja, mesmo depois do Dia D, a Alemanha nazi continuou a concentrar o grosso das suas forças no combate ao Exército Vermelho.

Depois de ocuparem quase toda a Europa sem grande dificuldade, foi na União Soviética que os exércitos nazi-fascistas se depararam pela primeira vez com uma efectiva resistência e às portas de Moscovo sofreram a sua primeira derrota em toda a guerra. Na frente leste, contra a URSS, os nazi-fascistas perderam 80 por cento dos seus homens e foram derrotadas 607 divisões, mais do triplo do ocorrido nas frentes do Norte de África, Itália e Europa Ocidental, todas juntas. A defesa de Leninegrado; as vitórias em Stalinegrado e em Kursk; a ofensiva de Inverno de 1944-45 e a batalha de Berlim, que ditou a rendição alemã, foram todas obra das forças soviéticas e, elas sim, foram decisivas para o desfecho do conflito. Dos 50 milhões de vítimas da guerra, mais de metade foram soviéticos.

### 4. A NATO e a «guerra fria»

A derrota do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial e o papel determinante que nela tiveram as forças democráticas e progressistas fez do pós-guerra um momento de impetuosos avanços a nível mundial.

A correlação de forças no mundo alterou-se em prejuízo do imperialismo; conquistou-se importantes direitos políticos, económicos, sociais e culturais, para muitos inéditos; o movimento de libertação nacional desenvolveu-se e conduziu à independência de numerosos países até então sujeitos ao domínio colonial; a criação das Nações Unidas e a sua Carta instauraram uma nova ordem mundial, fundamentalmente democrática e pacífica.

Nada disto ocorreu por acção dos EUA e dos aliados europeus ocidentais, como se ouve e lê por aí. Muito pelo contrário, aconteceu apesar deles.

Arvorados ao papel de potência dominante no campo imperialista, os EUA lideraram a ofensiva contra este impetuoso movimento libertador: os bombardeamentos nucleares de Hiroxima e Nagasáqui, a ruptura da aliança vencedora da guerra, a imposição da «guerra fria» e a criação da NATO foram alguns dos seus instrumentos. As guerras contra a Coreia e o Vietname, a ingerência em inúmeros países de África e Ásia, a Operação Condor na América Latina, a proliferação de bases militares em todo o mundo e a corrida armamentista contam-se entre os mais evidentes efeitos.

*Gustavo Carneiro*  
Jornalista

# Monumento ao Marinheiro Insubmisso



O Monumento ao «Marinheiro Insubmisso», da autoria do escultor Rui Matos, inaugurado, dia 30 de Maio de 2009, no Largo do Centro Cívico da freguesia do Feijó, no concelho de Almada, homenageia os Marinheiros da Armada Portuguesa que, a 8 de Setembro de 1936, se revoltaram contra o regime, expressando o seu descontentamento pelas perseguições, prisões arbitrárias e expulsão daqueles que, no seio da Marinha, lutavam contra o Estado Novo. Esta sublevação resultou na morte de cinco marinheiros e na condenação de 82, sendo que destes 34 foram enviados para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde.

Na ocasião, usaram da palavra o representante da Comissão Organizadora do Monumento, Manuel Custódio, a presidente da Câmara Municipal de Almada, Maria Emília Sousa, o presidente da Junta de Freguesia do Feijó, José Manuel Pereira, o coordenador da URAP, Aurélio Santos, o único sobrevivente da revolta e sócio da URAP, José Barata, um representante dos praças da Armada, estando também presente um representante do Estado Maior das Forças Armadas.

## Os nossos heróis

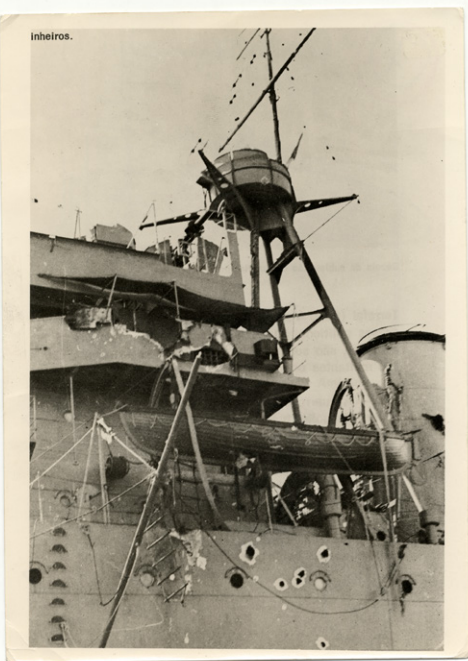
Faz-se difícil ter uma noção exata sobre acontecimentos ou factos que não vivenciámos, porquanto já fazem parte da história. Tive o privilégio de ter nascido no proscénio da jovem democracia, que então ensaiava os primeiros passos, mas também numa altura em que os valores fundamentais da revolução começavam a ser postos em causa, com alguns esboços no horizonte de tentativas de regresso ao fascismo. De um lado, persistiam os «Velhos do Restelo» descrentes e de mau augúrio; do outro, os fantasmas do passado que tentavam erguer-se, teimosamente, das tumbas para nos assombrar, acreditando poder reverter aquilo que o povo já tinha como seu.

Neste turbilhão de incertezas, fui crescendo e aprendendo, ouvindo histórias de homens e mulheres que lutaram pela igualdade de direitos, pelo fim das injustiças sociais e salariais, pela liberdade; histórias de gente que perdeu a vida nas prisões do regime de Salazar, apenas por reclamar um pedaço de pão. Era assim nos campos, nas cidades, nas instituições, sobretudo aquelas que estavam sob a alçada do Estado e seus

algozes. Entre as instituições descontentes e, talvez no topo desse descontentamento, estavam as Forças Armadas.

No dia 8 de Setembro de 1936, teve lugar um levantamento militar que ficou conhecido como a Revolta dos Marinheiros, já que foi no seio deste ramo das Forças Armadas que a sublevação eclodiu. Lutava-se contra as desigualdades, as injustiças, os presos políticos, com todas as armas possíveis. Entre muitas e justas reivindicações, esta revolta foi norteadada pelo propósito de reintegrar 17 marinheiros do navio Afonso Albuquerque, que haviam sido detidos e dispensados. Esta punição teve origem nas posições tomadas por estes, aquando da viagem a Espanha para efetuar o repatriamento de portugueses, devido à guerra civil espanhola. Contra as ordens estabelecidas, os marinheiros recusaram-se a desembarcar em portos controlados pelos franquistas, tendo apenas estabelecido contactos com os portos dominados pelos republicanos.

A revolta que haveria de eclodir, e que não era mais do que uma resposta a estas retaliações, acabou por ser esmagada, culminando com várias prisões, deportações



dos revoltosos - grande parte deles para o Tarrafal - e até várias mortes.

No contexto internacional viviam-se igualmente dias difíceis, tortuosos, com a ascensão crescente do nazismo na Alemanha e em Itália. Combatia-se o autoritarismo destes regimes totalitários em França e Espanha, por intermédio das frentes populares e movimentos internacionais comunistas, mas muitos destes resistentes acabaram assassinados e torturados, enfraquecendo deste modo as respetivas organizações.

Dos 34 marinheiros que foram enviados para o Tarrafal, apenas regressaram 29, tendo sucumbido à tortura e aos maus-tratos infligidos, 5 destes bravos homens. Tive o privilégio de ainda conhecer um deles. Fiquei deveras comovido, quando na dedicatória de um livro que me ofereceu, me confidenciou que a juventude lhe havia sido roubada por vários anos. Aquele desabafo refletia um misto de mágoa com dever de missão cumprida, de contributo dado para a abertura dos caminhos da liberdade, da democracia, da igualdade. Senti que o devia honrar, dando continuidade à luta, que bravamente havia travado, destemido, sem

hesitar entregar a esta causa, significativa parte da sua vida.

Estes bastiões de resistência foram as sementes do progresso e da consciência dos valores que haveriam de nascer na madrugada do 25 de abril, de igual modo, pelas mãos dos militares. Estamos gratos. Que outro sentimento poderíamos ter?

Abril trouxe a liberdade de expressão, de associação, para todos, entre tantas outras e não menos importantes conquistas. O associativismo, em contexto militar, constituiu a salvaguarda legal e constitu-

cional dos direitos e conquistas das Forças Armadas, nas quais se alicerçam, como referido, a liberdade que nos apraz desfrutar.

Abril é nosso: dos militares, dos resistentes, dos jovens, das crianças, de todos aqueles que valorizam e promovem, os seus inestimáveis valores. É também dos que lutam, diariamente, nos órgãos de poder local para a melhoria das condições de vida das populações. As juntas de freguesia, enquanto instituições de proximidade, têm um papel relevante na resolução dos problemas mais prementes; refira-se, a título de exemplo, as relações que se têm estreitado entre a Junta de Freguesia de Laranjeiro e Feijó e os habitantes locais, no apoio às associações, aos idosos, no contacto com as escolas - onde se desenvolvem importantes atividades desportivas e culturais -, no apoio social aos mais carenciados, no empenho na resolução de problemas de higiene urbana, no melhoramento de calçadas e acessibilidades, às quais se juntam as mais diversas atividades de cultura e recreio, mas também na elevação dos valores de Abril, da liberdade e da democracia. Em suma, este tem sido um trabalho contínuo, de defesa dos interesses de todos os fregueses, que depositaram nestes eleitos a sua confiança, no momento do exercício do direito de voto.

É um dever honrar estes heróis - passados e presentes - dando continuidade à sua luta, homenageando a sua coragem de batalhar por um futuro melhor, onde possamos de facto ser livres.

*Luís Filipe Almeida Palma*

*Presidente da Junta de Freguesia de Laranjeiro e Feijó*



A URAP assinou, dia 14 de Dezembro, um Protocolo de Colaboração com a Junta de Freguesia de Laranjeiro e Feijó visando organizar em conjunto debates, exposições, edições de livros e iniciativas junto das escolas da freguesia. O protocolo foi assinado pelo coordenador da URAP, José Pedro Soares, e pelo presidente da Junta de Freguesia, Luís Palma

# Assembleia de três



*– Prossigamos – dizemos – não é a fonte mais impura por estar longe, aí saciaremos a nossa sede.*  
 Maria Teresa Horta

*Bem sei que a revolta da mulher é a que leva à convulsão (...) nada fica de pé, nem relações de classe, nem de grupo, nem individuais.*  
 Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa

Na «Terceira Carta IV», as três autoras das *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, anunciam novo tópico. Se até esta carta tinham seguido mais de perto o mote dado pelas Cartas Portuguesas de Mariana Alcoforado, convocam agora uma das questões centrais do seu projeto literário coletivo, a de escrever sobre a condição da mulher. Lemos nesta carta: «Chegou o momento em que nossa semente gerou, nossa espiral de entropalavras se alargou, e de cada uma de nós se vem tornando menos o que fica fora, tudo sendo trazido e revisto em nossa assembleia de três; [...] Inevitavelmente, passámos de amor à história e à política [...]»

O livro das três Marias foi proibido pelo governo de Marcello Caetano. O ofício da censura negou-lhe qualquer razão política óbvia – como seria o facto de se referir explicitamente à emigração ou à Guerra Colonial –, considerando-o um atentado à moral e aos bons costumes, um livro obsceno e pornográfico. Maria Teresa

Horta sempre exigiu que se reconhecesse a dimensão política da obra, denunciando a forma ignóbil de um governo que julgava três mulheres por terem escrito um livro pretensamente indecoroso. Em entrevista a Ana Raquel Fernandes, Cláudia Coutinho e Sara Ramos Pinto, de 2003, a autora de *Ambas as Mãos sobre o Corpo* sublinha precisamente esta questão, o facto de as mulheres não terem direito a existência política: «Ao sermos acusadas de obscenidade e pornografia, o governo tentou isolar-nos, iludindo o facto de ser um processo político».

Aquele que ficou conhecido como o processo das Três Marias termina dias depois do 25 de abril de 1974 e a dimensão política das *Novas Cartas Portuguesas* passa a ser inquestionável, até porque a absolvição das três autoras marca os primeiros dias de um país que sai de uma ditadura longeva. Na capa da revista Flama, de 17 de maio de 1974, Regina Louro referia que «insolitamente» três mulheres tinham sido «chamadas à barra do Tribunal.

Por terem ousado pisar um terreno que a organização censória do regime fascista entendeu como um crime de lesa moral pública». O título da reportagem anunciava: «“Três Marias”: o fim de um escândalo». Em fevereiro de 1975, por sua vez, Jane Kramer assina uma resenha sobre as *Novas Cartas Portuguesas*, no *The New York Times Book Review*, considerando a absolvição das três autoras um dos primeiros atos oficiais do novo governo revolucionário.

De lá para cá, tem sido possível assumir a dimensão política da obra – tanto na sua posição contra um regime fascista como na defesa de causas feministas – e é sempre bom recordar que o processo judicial que envolveu as Três Marias foi justamente reconhecido pela National Organization for Women (NOW), em junho de 1973, como a primeira causa feminista internacional. Numa assembleia de três, e num exemplo notável de exercício democrático (ao contrário do país de então), três mulheres aceitam as diferenças: cada uma era livre de assumir a sua identidade



literária – escrevendo com as plumas que desejasse; cada uma era livre de declarar sem medo que discordava das outras; cada uma revelava livremente o seu feitio, ora implacável ora emotivo.

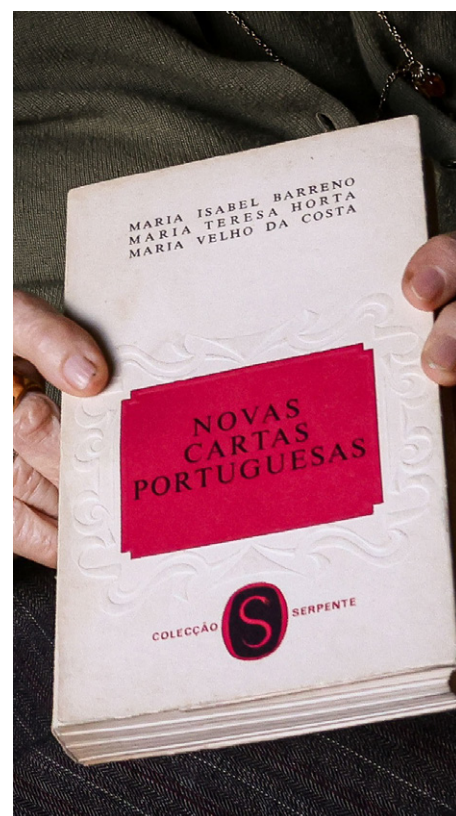
As Três Marias sabiam bem que o projeto literário coletivo era temerário, num «país onde tudo o que é comunal e fecundo é maldito. Terra que não aguenta expressas a raiva e a maldade que estão também em toda a criação conjunta», como escreveu Maria Velho da Costa na crónica «O portuguesíssimo nome de Marias», de outubro de 1973, posteriormente publicada no volume Cravo.

A revista Flama, a propósito do fim do processo judicial e da consequente absolvição das três autoras, falava do fim de um escândalo. O escândalo foi o julgamento movido contra três escritoras que teriam escrito uma obra literária pretensamente escandalosa para o país de então. Hoje, relendo as Novas Cartas ou evocando as três mulheres que as escreveram, é importante

permanecer *beauvoirianamente* vigilante, não dando por inquestionáveis os direitos garantidos até ao momento e não deixando que o medo – e tantas vezes o medo vai ter tudo – seja um obstáculo à sempre necessária reivindicação dos direitos das mulheres. Em março do ano passado, Maria Teresa Horta, diretora por um dia do jornal Público, respondia no mesmo sentido à pergunta de Isabel Lucas sobre a importância de continuar a celebrar o dia 8 de março: «Fala-se de direitos humanos e homens e mulheres deviam ter os mesmos direitos. [...] Ainda hoje não têm, estão muito longe de ter, mas outra coisa é deixar de lutar por isso.»

Joana Meirim

Professora do Ensino Superior,  
investigadora em Literatura e autora da obra  
«O essencial sobre as três Marias»



# Jovens portuguesas em Buchenwald

Uma dezena de jovens portuguesas participam no Encontro Internacional da Juventude, em Buchenwald, organizado pela Federação Internacional de Resistentes (FIR) - Associação de Antifascistas, com sede na Alemanha, que decorre de 4 a 7 de Abril de 2025, ano em que se comemoram os 80 anos da vitória sobre o nazi-fascismo.

Os portugueses, que estarão em delegações de inúmeros países, serão acompanhados por um membro da direção da URAP, organização filiada na FIR.

A localidade de Buchenwald, onde existiu um campo de concentração nazi-fascista durante a II Grande Guerra Mundial, a poucos quilómetros da cidade alemã de Weimar, foi escolhida para que não se apague a memória dos crimes cometidos pelo nazi-fascismo.



A convite do Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português no Parlamento Europeu, o grupo visitará o Parlamento Europeu, em Estrasburgo, no dia 3 de Abril. Em Buchenwald participará nas várias iniciativas programadas,

nomeadamente, visitas guiadas ao campo de concentração, discussões sobre o trabalho de preservação da memória, concerto e comício.

## Apelo à participação nas Comemorações do 25 de Abril

A URAP apela aos associados para que participem nas manifestações e outras iniciativas evocativas do 25 de Abril em todo o país.

As iniciativas deste ano inserem-se ainda nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril. É preciso defender a liberdade, a democracia, a Constituição da República.

Em Portugal a situação está cada vez mais difícil e precisamos de defender o direito à habitação, ao Serviço Nacional de Saúde, à Escola Pública e à Segurança Social.

No mundo, devemos bater-nos a favor do fim dos conflitos armados, pela paz, pela democracia, pela desigualdade e pelo respeito por todas as Nações.

Portugal e o Mundo encontram-se numa situação perigosa, a mais perigosa desde o fim da II Guerra Mundial.



A URAP esteve presente na Manifestação Nacional de Mulheres, promovida pelo MDM, que se realizou em quase 20 localidades do País a 8 de Março.



A Assembleia-Geral da URAP, realizada a 22 de Março na Casa do Alentejo, em Lisboa, elegeu os novos órgãos sociais e traçou objetivos de trabalho para os próximos dois anos. Daremos conta das suas conclusões da próxima edição do boletim.



Manifestemos a nossa indignação e exijamos a liberdade e a paz.

[WWW.URAP.PT](http://WWW.URAP.PT)

[www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses](https://www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses)